

**ANDRADE, Gabriel. *René Girard: um retrato intelectual*. Editora É Realizações. São Paulo, 2011.**

Filipe Santos<sup>1</sup>



*René Girard: um retrato intelectual*, de Gabriel Andrade, é um livro que tem como escopo apresentar uma biografia intelectual que acompanha a evolução ao longo dos anos de um pensamento vasto. René Girard, antropólogo, pensador e crítico literário francês se formou em paleografia pela École Nationale des Chartes. Depois da Segunda Guerra mudou-se para os Estados Unidos, onde inicia sua produção relevante. Professor Emérito de Literatura na Universidade de Stanford e Membro da Academia Francesa, tem uma produção muito relevante como *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque* (1961); *Dostoïevski: du double à l'unité* (1963); *Des choses cachées depuis la fondation du monde* (1978) e *La route antique des hommes pervers* (1985), além de inúmeras publicações em periódicos.

René Girard destaca-se pelo fato de apresentar uma crítica divergente das escolas tradicionais, rompendo com as linhas de teoria literária do seu período, produzindo sua teoria mimética a

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação da Universidade de São Paulo. E-mail: [fi.rodriques.santos@gmail.com](mailto:fi.rodriques.santos@gmail.com)

partir de grandes autores, como Proust e Stendhal. Embora sua teoria trate e tenha como horizonte o desejo, René Girard é grande crítico da psicanálise e apresenta diversas contestações das interpretações freudianas, reelaborando interpretações de grandes obras, como *Édipo Rei*. Sua produção é vista de forma emblemática por muitos, devido à sua escolha clara pelo cristianismo e a defesa constante dos textos bíblicos.

Consciente da escolha religiosa e teórica do pensador francês, Gabriel Andrade, um ateu, se propõe a traçar um retrato crítico da vida e dos pensamentos de René Girard, sendo um bom livro de referência àqueles que já estão familiarizados com a obra de Girard, é, também, uma boa introdução à teoria mimética. Andrade não somente traça os principais eixos do pensamento de Girard, como expõe fatos de sua vida, como seu posicionamento político e suas atitudes no decorrer de sua carreira.

O autor de *La Violence et le Sacré* é apresentado desde seus anos iniciais à sua militância cristã. René Girard, considerado um dos grandes defensores intelectuais da fé cristã no século XX, tem o início de sua produção relevante como crítico literário, quando ensinava o cânone da literatura francesa e europeia na John Hopkins University.

Na primeira parte do livro, Gabriel Andrade introduz o leitor à teoria mimética de Girard e expõe os anos de sua formação e atuação como crítico literário. O fato de estar alheio à crítica literária da época, enfatiza Gabriel Andrade, é que faz com que Girard produza uma teoria que tem, supostamente, como única base as grandes obras do cânone europeu, e, a partir dessas obras, Girard desenvolve seu critério de valor. Em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, Girard afirma que apenas cinco gênios poderiam ser considerados romancistas: Cervantes, Flaubert, Stendhal, Proust e Dostoiévski. Sendo esses, para Girard, o verdadeiro cânone dos gênios ocidentais da literatura. Esses romancistas revelavam uma “verdade”, enquanto os outros autores revelam-se cegos a ela, e participavam de uma “mentira”. Essa “verdade” trata-se de uma natureza relacional, ou seja, para falar de um personagem em particular, é necessário situá-lo em referência aos demais; assim, o romancista é o indivíduo que expõe essa “verdade” retratando a relação entre o “eu” e o “outro”.

Gabriel Andrade ressalta que a psicanálise e as teorias da época, com uma proeminência da experiência intrínseca do indivíduo, pareciam odiosas para Girard:

Ele não negava que o ser humano seja povoado de acidentes e contradições, mas era preciso situar sua origem na *relação com seus semelhantes*, muito mais que nas forças intrínsecas de sua personalidade (id, ego, superego). Assim, a *relação* veio a ser o primeiro tema que Girard se propôs a situar na obra dos romancistas que queria estudar. (ANDRADE, 2011, p. 41)

Andrade nos mostra que para Girard o desejo é o elemento principal de disputa entre os personagens e a “verdade” a ser exposta por um bom romance: o desejo tem origem nos demais. Assim, para cada personagem existe um outro personagem ou uma série de personagens que orientam sua vida e geram o desejo que é o foco da experiência narrativa. “Os homens são deuses uns para os outros”, como indica o título do segundo capítulo de *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. Para Girard, o outro assume uma posição divina, de mediador do desejo, mistificando o desejo e

fazendo com que os mediadores sejam idolatrados pelos sujeitos que passam a imitá-los.

Expondo a questão do desejo – que é um dos elementos principais da teoria de Girard – Andrade exemplifica como Girard chegou a esse pensamento a partir de grandes obras da literatura:

É através do desejo, considera Girard, que os personagens romanescos primeiro conformam relações com as demais figuras que aparecem nas tramas. Boa parte dos personagens retratados pelos romancistas está em busca de algo, e é através dessa busca que tem um encontro com os demais. Dom Quixote busca eternamente Dulcineia, e, de forma mais geral, pretende ser o mais nobre cavaleiro dos andantes. É este o fundo das aventuras em que ele enfrenta curas, barbeiros e moinhos. Emma busca romances com duques, e nesse processo conhece seu marido, se endivida, e, finalmente, se suicida. Em *O Vermelho e o Negro*, Julien vai à “conquista de Paris”, procura ser o burguês que sempre sonhou ser, e Marcel, além do tempo perdido, busca um senso de segurança cuja ausência sempre o atormenta. (idem, p. 42)

Após introduzir o leitor ao pensamento literário de Girard, Gabriel Andrade expõe, então, a sua contribuição mais relevante, o início da formação de *La Violence et le Sacré*. A partir de seus estudos literários, Girard passa a estudar mais profundamente as origens da cultura e da violência em grandes obras, com Rei Édipo. Girard afirma que a cultura tem em sua origem a violência, através de evidências etnológicas e literárias, que englobam a humanidade.

Para Girard, em toda violência instituída subjaz a ideia sacrificial de substituição; os agentes que empregam a violência a canalizam para outros agentes, de forma que não chegam a ferir os entes mais próximos. Assim, essa é uma forma de “enganar” a violência e estabelecer a ordem social. Em textos como o do sacrifício de Isaac, fundadores da literatura ocidental, como nos mostra Auerbach, encontra-se esse tipo de substituição sacrificial. Esse mecanismo de violência mantém a organização social, já que, como aponta Girard, a vítima é substituída na medida em que substitui à comunidade inteira.

Conforme Gabriel Andrade vai construindo o retrato intelectual de Girard, a teoria mimética é exposta juntamente com o dogmatismo de seu criador, como sugere o nome do capítulo do livro: *uma voz cristã na academia*. A partir de sua teoria mimética, Girard tenta mostrar como a Bíblia segue o movimento contrário, que parte da violência e caminha à quebra da mesma na revelação dos evangelhos. A apresentação de Andrade à vida cristã de Girard encontra seu ápice no capítulo “os perigos do relativismo”, em que Gabriel Andrade compara as percepções de Girard sobre a religião cristã às ideias de Nietzsche.

Em sua conclusão, Gabriel Andrade afirma:

[Girard] escandaliza um pouco que, em pleno século XX, um autor (ademais, muito moderno) ainda empregue termos como “poderes e principados” e Satanás. Mas o faz porque quer deixar consignado que nosso mundo moderno é o munda da Bíblia, e que é graças a ela que temos as vantagens de um sistema

judicial balanceado, do computador ou dos hospitais. Aonde quer que vá a Bíblia, ali permanece. (idem, p. 502).

Em seu retrato intelectual, crítico e secular como ele mesmo aponta, Gabriel Andrade não problematiza as teorias de Girard, citando outras opiniões e teorias como as de Derrida, Freud, Foucault e Lacan, que já haviam tratado de temas do interesse de Girard, mas se abstém de um diálogo mais profundo com a obra de tais autores, além de pouco discutir as implicações da fé e terminologia de um viés teológico.

Além disso, Andrade não dá a devida atenção ao critério de valor empregado por Girard, já que o valor estético da obra encontra-se também na conversão do romancista à “verdade”. Girard desclassifica aquilo que não leva a sua “verdade”, considerando, por exemplo, Albert Camus um caso de romancista que não chega à “conversão da realidade”. Suas teorias apresentam muitos pontos de encontro com os estudos do sistema judicial de Foucault, mas Girard sempre escolhe abster-se do diálogo. Gabriel Andrade sempre aproxima o leitor de outras teorias, não somente para deixar o leitor familiarizado, mas para agregar maior valor à obra de Girard.

O livro de Gabriel Andrade é um bom retrato da vida e obra de Girard, mas pouco crítica. Parte da “Biblioteca René Girard”, da Editora É Realizações, o livro tenta apresentar um retrato secular de Girard, mas não consegue fugir do dogma e do conservadorismo do criador da teoria mimética.